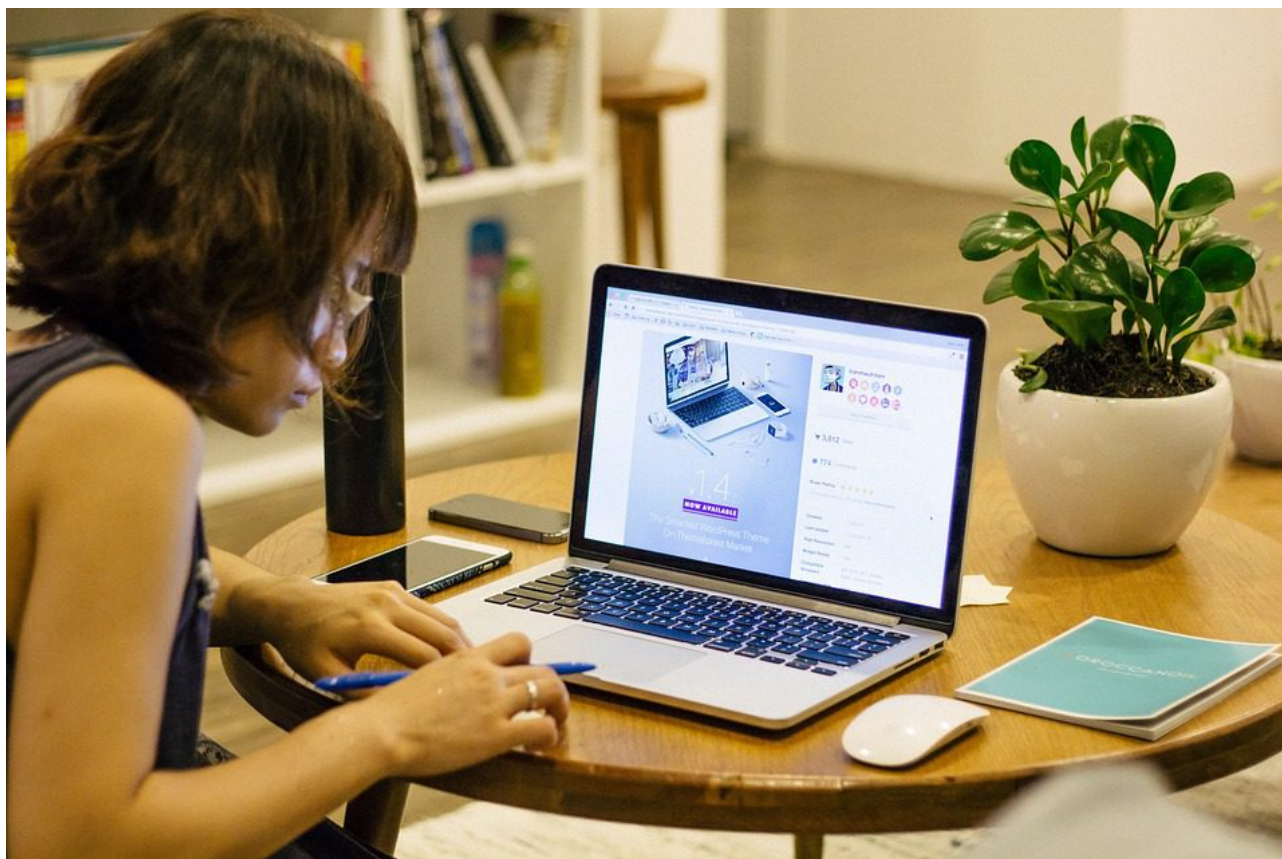


Autor: Góes

Estudo mostra: 70% das pessoas gostariam de continuar no home office



A pandemia forçou a alternativa de uma modalidade de trabalho que tinha tímidos índices: o home office (teletrabalho). No Brasil e no mundo, foram várias as empresas que se adaptaram rapidamente a esse tipo de trabalho feito em casa, salvaguardando aqueles serviços que possibilitassem a prática. Visando à análise do período, a Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo fez uma pesquisa sobre o tema no estudo **Satisfação e Desempenho na Migração para o Home Office**.

O professor Wilson Amorim, um dos coordenadores da investigação, disse que o alcance da pesquisa foi de aproximadamente 1.300 respondentes, com predominância de trabalhadores com alta qualificação e renda elevada. A grande maioria deles vem aprovando a experiência de trabalho em casa. “Isso foi uma surpresa. Colocamos a expectativa de que as pessoas tivessem uma visão relativamente crítica do trabalho em casa e a distância. Não foi isso o que aconteceu”, explicou ele.

Para essa realidade brasileira, 70% gostariam de continuar trabalhando em home office, contra 19% que

não gostariam e 11% que foram indiferentes. E mesmo que muitos não tenham um espaço específico para trabalho em casa, o resultado positivo pode ser justificado por três hipóteses. De acordo com Amorim, estar trabalhando enquanto o entorno é marcado pelo desemprego já é um fator de alívio.

Outro ponto é a insegurança em relação à própria saúde, reduzida com o fato da não necessidade de sair para trabalhar. Por fim, ele destaca o tempo “ganho” ao não enfrentar trânsito nos dias de trabalho convencionais. “[São] três aspectos que colocam as condições de trabalho em casa como muito favoráveis do que seriam de outra maneira”, resume o professor.

Dos setores atingidos, a educação foi o que se mostrou mais crítico em relação à modalidade, com apenas 56% respondendo que gostariam de continuar trabalhando a distância, muito talvez pela abrupta adaptação e diversos outros fatores que levam a área (e os professores e estudantes) a serem resistentes em uma modalidade de ensino improvisada. Mesmo com isso, Wilson Amorim afirma: “Nós vamos avançar e não recuaremos para o momento anterior. Essa nova situação vai demandar uma relação de trabalho diferente do que tinha antes, em qualquer setor”.

Fonte: Jornal da USP

Imagem (Free-Photos) gratuita em Pixabay

Data de Publicação: 06-07-2020